

---

## 3.5. Aspectos Sócio-ambientais

A caracterização sócio-ambiental apresentada neste capítulo buscou integrar aspectos físicos, bióticos e socioeconômicos das regiões investigadas, correlacionando-os com processo de ocupação observado, de modo a fornecer uma compreensão abrangente do espaço geográfico descrito.

O presente capítulo baseou-se em dados disponíveis nos Relatórios de Diagnóstico Ambiental das APAs Marimbus-Iraquara, Serra do Barbado, Gruta dos Brejões/Vereda do Romão Gramacho; Planos de Manejo das APAs Marimbus-Iraquara e Serra do Barbado; estudos mais específicos, como o Projeto Mapas Municipais (Morro do Chapéu) da Companhia de Pesquisa dos Recursos Minerais - CPRM; descrição de trilhas comumente utilizadas na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina; vídeo documentário do Município de Rio de Contas; e em informações disponíveis na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI.

Vale ressaltar que algumas regiões da Chapada Diamantina apresentam grande densidade de informações secundárias disponíveis, em decorrência dos diversos estudos já realizados. Entretanto, para grande parte da área que integra o Pólo Turístico Chapada Diamantina, verificou-se uma notada carência de estudos dirigidos para o devido conhecimento do substrato, caracterização florística e faunística da área objeto de estudo.

### 3.5.1. Aspectos Históricos da Ocupação

O desbravamento da Chapada Diamantina se deve aos bandeirantes portugueses e paulistas que penetraram terras antes desconhecidas para os colonizadores em busca da conquista e ocupação do interior, com o intuito de se encontrar e tomar posse de novas riquezas minerais.

O paulista Fernão Dias foi o maior responsável pelo surto minerador que tomaria conta do Brasil, já na segunda metade do século XVII. Fernão Dias descobriu esmeraldas na região serrana de Minas Gerais e seus companheiros encontraram o ouro, fatos estes que incentivaram a propagação das chamadas bandeiras.

Outros seguiram o caminho em busca de novas terras a procura de ouro e pedras preciosas, a exemplo de Raposo Tavares, na região de Rio de Contas, e João Coelho de Souza, na região de Morro do Chapéu. Em meados do século XVII, devido à atuação de Guedes de Brito, a região apresentava atividade pecuária que abastecia novas frentes de desbravamento, garimpos e povoados, interligados pela estrada boiadeira, construída entre Jacobina e Rio de Contas.

Rico em ouro de aluvião, o município de Rio de Contas viveu na segunda metade do século XVIII uma época de grande prosperidade econômica. Também datam desta época os casarões em estilo colonial, hoje tombados pelo patrimônio histórico. Toda essa prosperidade econômica experimentada pela região começou a decair já por volta do ano de 1800 com a escassez do ouro, agravando-se com a descoberta de diamantes na Serra do Sincorá quatro décadas depois.

Grande parte da população de Rio de Contas, que havia fundado a cidade, transferiu-se para Mucugê em busca de novas riquezas. A exploração do diamante começou após a expedição dos naturalistas alemães Spix e Martius, em 1820, que confirmaram o potencial diamantífero da Serra do Sincorá, levando centenas de garimpeiros para lá, com o intuito de intensificar a lavra do diamante.

Com a corrida do diamante, foram surgindo as cidades de Mucugê, Andaraí e Lençóis. Inicialmente desprezado pelos garimpeiros, a partir de 1871 o carbonado foi disputado a altos preços pelos países europeus, interessados em elementos resistentes para as máquinas e construções, que alavancaram a chamada Primeira Revolução Industrial.

Após vinte e cinco anos, observou-se o esgotamento da lavra na Chapada Diamantina, fato que provocou o desmoronamento de sua economia e a decadência das cidades.

Com a proclamação da República, a região da Chapada começou a ser disputada pelos Coronéis que intensificaram suas lutas pela posse da terra e pela hegemonia política. Assim, formaram-se exércitos de jagunços dispostos a defender os interesses dos patrões.

Um período de relativa paz marcou a passagem de comando dos coronéis a seus sucessores. Horácio de Matos, sobrinho de Clementino de Matos, estabelece a paz entre as famílias, sendo considerado o coronel mais temido e respeitado da Chapada Diamantina. Horácio de Matos notabilizou-se por meio do combate à Coluna Prestes, movimento originado da revolta de jovens oficiais contra os últimos presidentes da República Velha, que chegou em terras baianas no ano de 1926. Os comandados de Luís Carlos Prestes entraram na Bahia através da divisa com o Estado de Pernambuco, próximo à cachoeira de Paulo Afonso, atravessaram o Rio São Francisco e seguiram em direção ao sertão baiano.

O coronel Horácio de Matos foi o responsável pela organização do Batalhão Patriótico Lavras Diamantinas, que contava com cerca de 600 homens, e que de forma implacável perseguiu as tropas da coluna, expulsando-os da Bahia. Após a Revolução Constitucionalista de 1930 a região da Chapada Diamantina passou por um longo período de estagnação econômica.

A recuperação recente da região deve-se, em parte, ao desenvolvimento do turismo e à implantação de pólos de agricultura moderna. Na década de 1980, a Chapada Diamantina passou a figurar no roteiro ecoturístico nacional, inicialmente como um destino de aventureiros que buscavam na beleza cênica das paisagens e nos cursos d'água da região, refúgio, descanso e tranquilidade.

Assim, as serras, nas suas mais diversas formas, as mesas dos chapadões e os profundos vales minuciosamente entalhados, em muitos dos quais garimpa-se de forma rudimentar até os dias de hoje, o diamante, o carbonado e o ouro, tornaram-se atrativos para a realização de caminhadas, cavalgadas e acampamentos. Trilhas seculares, como a Estrada Real, também chamada de Estrada Boiadeira, e outras de âmbito local, passaram a ter um outro significado econômico, fazendo com que a região da Chapada Diamantina passasse a figurar como um os principais destino ecoturísticos do país.

Desta forma, os conjuntos arquitetônicos barrocos de grande importância histórica e cultural, situados nos municípios de Rio de Contas, Mucugê, Andaraí e Lençóis, a arquitetura da região de Iraquara e as ocupações rudimentares construídas em pedra e encravadas nas rochas, da região de Igatu, completam um cenário de grande potencialidade ecoturística.

## 3.5.2. Circuito Chapada Norte

### 3.5.2.1 Caracterização Geral

A região denominada Circuito Chapada Norte e os diversos municípios nela inseridos cobrem área superior a 10.000 km<sup>2</sup>, distribuindo-se de forma alongada na direção norte-sul, estreitando-se para sul nas proximidades de Wagner e alargando-se para norte, desde terrenos da APA Gruta de Brejões/Vereda do Romão Gramacho até Campo Formoso. Nesta região estão incluídas as terras altas da Serra da Jacobina da borda leste da Chapada Diamantina, o embasamento cristalino situado entre elas, parte dos depósitos carbonáticos de Irecê e Utinga e o altiplano de Morro do Chapéu.

Nas porções de menor altitude deste circuito ocorre o clima semiárido, quente, com chuvas na primavera e verão e período seco bem definido de inverno, com temperatura média superiores a 18°C, não havendo anualmente excedentes hídricos significativos. Nestas áreas ocorre a vegetação de caatinga, diferenciando-se a fechada, relacionada a zonas de ocorrência de latossolos e cambissolos oriundos de rochas Proterozóicas sedimentares detríticas e químicas, daquela aberta relacionada aos solos podzólicos desenvolvidos sobre o embasamento cristalino do Arqueano.

No extremo norte do Circuito Chapada Norte, nos municípios de Campo Formoso, Saúde e Jacobina ocorre clima tropical sub-úmido a seco, com chuvas de verão e estação seca no inverno, não apresentando também excedentes hídricos. A cobertura florística está representada pela caatinga fechada, floresta estacional e zonas de tensão ecológica. Esta variação na cobertura vegetal está diretamente relacionada ao clima e, por sua vez, com a variação altimétrica.

As áreas com altitudes superiores a 1000 m representam bolsões de clima tropical de altitude ou úmido a subúmido, com precipitações superiores a 1000 mm/ano, e temperaturas oscilando entre 18 e 22°C. Nestes locais a vegetação característica é o cerrado e o campo rupestre.

### 3.5.2.2 Uso do Solo

As limitações severas impostas pelas condições climáticas e qualidade do solo litólico e pedregulhoso de muito baixa fertilidade, desenvolvido sobre os quartzitos do Grupo Chapada Diamantina e Grupo Jacobina (rochas sedimentares detríticas proterozóicas), bem como do solo podzólico, em geral com severas restrições de uso, resultam em glebas de grande dimensão (latifúndios), na qual localmente observa-se agricultura de subsistência e pecuária extensiva pouco desenvolvida.

Merecem destaque as regiões de Saúde, no extremo norte, e Jacobina, no centro deste circuito, onde se observa maior desenvolvimento da pecuária e também da agricultura. Jacobina apresenta expressiva mineração de ouro, explorada pela empresa Mineração Ouro Velho, enquanto que Campo Formoso, reúne expressiva reserva de calcário, que é aproveitado em uma unidade industrial de fabricação de cimento (CISAFRA), jazidas de esmeralda exploradas através de lavra garimpeira, além de cromita (óxido de cromo).

Ourolândia configura-se como grande centro produtor de rochas ornamentais, utilizadas para revestimentos e pisos, sendo o principal produtor do mármore travertino denominado "Bege Bahia". Em Utinga ocorrem calcários dolomíticos, ricos em magnésio, já aproveitados há alguns anos para a fabricação de pó corretivo do solo. Merecem destaque também a agricultura em Morro do Chapéu, o cultivo de café e a extração de calcário em Wagner e as lavouras de café em Bonito.

### 3.5.2.3. Unidades de Conservação

As unidades de conservação existentes no Circuito Chapada Norte são a APA Gruta dos Brejões/Veredas do Romão Gramacho, o Parque Estadual de Morro do Chapéu e o Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido.

A APA Gruta dos Brejões/Vereda do Romão Gramacho foi criada por meio do Decreto Estadual nº 32.487 de 1985, com o propósito de preservar a mais expressiva construção cárstica do Estado da Bahia e o seu conteúdo arqueológico. Apresenta área de 11.900 ha e uma população residente de 175 habitantes, distribuídos pelos povoados de Brejão das Grutas, Angicão e Morro Branco, além de fazendas da região, onde se observa a agricultura de subsistência e a criação de bovinos e caprinos. Esta população não é atendida por serviços de esgotamento sanitário e utiliza água de poços tubulares para o consumo diário. Observa-se que as cercas implantadas ao longo dos rios da região dificultam a migração da fauna aquática. Por outro lado, o uso freqüente destes corpos d'água para dessedentação de animais resulta na sua contaminação por coliformes fecais.

O seu conjunto espeleológico diversificado está totalmente inserido no domínio vegetal da caatinga e apresenta como principais destaques: o "canyon" do rio Jacaré, as grutas de Brejões e da Igrejinha, com suas respectivas ressurgências e as grutas da Couve-flor e Bocana, com seu conteúdo arqueológico de grande relevância.

Todo este patrimônio carece da realização de estudos espeleológicos e arqueológicos sistemáticos para sua melhor compreensão, bem como de programas de educação ambiental para moradores e turistas, evitando-se assim, a degradação de seus espeleotemas.

As áreas interiores do "canyon" e suas encostas verticalizadas pelo modelado cárstico apresentam grande sensibilidade ambiental em relação à suscetibilidade de degradação dos recursos hídricos, dos solos, da flora e da fauna. Observa-se, contudo, que tal vulnerabilidade a impactos negativos vai diminuindo em direção aos limites da poligonal da APA, suscitando, todavia, a elaboração e implantação de um plano de manejo que oriente os moradores locais sobre as necessidades de preservação do patrimônio natural e cultural da região.

O Parque Estadual de Morro do Chapéu possui 46.000 ha e tem por objetivo preservar o patrimônio natural representado pelas construções naturais ruiformes das áreas de maior altitude na região de Morro do Chapéu, bem como a vegetação de campo rupestre nele contida.

O Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido, com uma área de 400 hectares, foi criado com o propósito de manter e conservar este acidente geográfico de rara beleza paisagística e o amplo vale de vegetação preservada no qual se insere.

Nas proximidades de Morro do Chapéu observa-se as cotas mais elevadas da região do Circuito Chapada Norte, superando os 1200 metros de altitude. É também nesta região que ocorrem os ecossistemas de cerrado e campos rupestres, onde o substrato predominantemente arenoso controla a densidade da vegetação. São áreas plenamente favoráveis à realização de caminhadas voltadas à contemplação dos ecossistemas citados, dada sua grande beleza cênica e características climáticas favoráveis a esse tipo de atividade.

#### **3.5.2.4 Bacias Hidrográficas**

Na região do Circuito Chapada Norte as bacias hidrográficas mais significativas são as dos rios Itapicuru, Jacuípe, Jacaré ou Vereda do Romão Gramacho e Salitre.

A bacia do rio Itapicuru drena área de 36.440 km<sup>2</sup>, tem suas nascentes na região de Campo Formoso, Antonio Gonçalves e Jacobina, onde ainda é chamado Itapicuru-Açu e Itapicuru-Mirim, percorrendo cerca de 350 km até alcançar o litoral ao norte de Salvador, onde apresenta vazão de cerca de 14 m<sup>3</sup>/s. Ao longo de seu trajeto, banha terrenos de diversos municípios, sendo os mais importantes Queimadas, Tucano, Cipó, Itapicuru e Conde.

No trecho em que banha o Circuito Chapada Norte, observa-se atividade agropecuária leiteira e de corte, mineração e garimpo principalmente de esmeralda e ouro.

O rio Jacuípe tem suas nascentes no município de Morro do Chapéu, percorrendo aproximadamente 300 km até atingir o rio Paraguaçu, sendo o principal

tributário da margem esquerda. Neste percurso, banha terrenos dos municípios de Miguel Calmon, Piritiba, Riachão do Jacuípe e Feira de Santana. Suas nascentes foram objeto de intensa garimpagem para a obtenção de diamante e carbonado, atividade hoje paralisada devido à escassez de novas jazidas. No restante do trecho em que corta o Circuito Chapada Norte, observa-se pecuária extensiva, principalmente nas regiões de Dias Coelho e Piritiba.

O rio Salitre tem suas nascentes na região de Morro do Chapéu. Ao longo de seu trajeto de cerca de 230 km até afluir no rio São Francisco, recebe contribuições de cursos d'água da Serra da Babilônia e do Escorial, banhando pequenas povoações como a Várzea de Fora, Casa Nova, Brejo da Caatinga e Junco.

O rio Jacaré, ou Vereda do Romão Gramacho, se forma a partir da união de cursos d'água cujas nascentes situam-se na região de Barra do Mendes e Morro do Chapéu. Percorre cerca de 150 km até afluir no rio São Francisco em sua margem direita. Nesta bacia, no percurso inserido no Circuito Chapada Norte observa-se pequena atividade agrícola de subsistência, além de aproveitamento turístico.

Uma vez que não foram identificados estudos de enquadramento para os segmentos das bacias dos principais rios no Circuito Chapada Norte, será utilizado nesta avaliação o critério estabelecido no Artigo 20 da Resolução CONAMA 20/86, o qual estabelece que enquanto não forem realizados enquadramentos, as águas doces serão consideradas Classe 2<sup>27</sup>. O rio Jacaré, no trecho em que atravessa a APA Gruta dos Brejões Veredas do Romão Gramacho, foi analisado em três diferentes pontos, resultando daí valores de enquadramento na classe 4<sup>28</sup>.

### 3.5.2.5. Potencialidades Turísticas

Morro do Chapéu destaca-se no contexto turístico regional, sendo o único município detentor de estudos detalhados de diagnóstico e planejamento de desenvolvimento da atividade. Em suas terras ocorrem os principais locais de valor paisagístico com possibilidade de aproveitamento pelo turismo. Dentre estes locais, merecem destaque a Gruta dos Brejões, a Gruta da Igrejinha, a Fonte do Tareco, a cachoeira do Ferro Doido e do Agreste, a Vila do Ventura, o Centro de Pesquisas Ufológicas, os sítios arqueológicos de pinturas rupestres, a Ilha do Fiandres e a área urbana do município propriamente dita, com seu casario de grande valor arquitetônico, que retrata diferentes períodos da história da região, bem como o seu calendário de eventos culturais.

A Gruta dos Brejões situa-se no vale do rio Jacaré, no limite de Morro do Chapéu com João Dourado. A entrada principal apresenta altura de 125 m e largura de 60 m. Ao longo de seus 7,8 km de extensão, podem ser observados diversos

27 Classe 2 - Águas doces destinadas: (a) ao abastecimento doméstico, após tratamento convencional; (b) à proteção das comunidades aquáticas; (c) à recreação de contato primário (esqui aquático, natação e mergulho); (d) à irrigação de hortaliças e plantas frutíferas; (e) à criação natural e/ou intensiva (aquicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

28 Classe 4 - Águas doces destinadas: (a) à navegação; (b) à harmonia paisagística; (c) aos usos menos exigentes.

espeleotemas, altar para cerimônias religiosas e locais de oferendas.

À Fonte de águas termais do Tareco são atribuídas propriedades medicinais. No local existem piscinas naturais e um balneário mantido pela prefeitura.

A Cachoeira do Ferro Doido tem seu nome atribuído por antigos garimpeiros, em razão da dificuldade de se trabalhar sobre os arenitos e o cascalho ali existentes. Apresenta queda de cerca de 80 metros de altura, oferecendo uma agradável experiência ao visitante, sobretudo nos períodos de cheias do rio homônimo.

A Vila do Ventura, distante cerca de 30 km da cidade de Morro do Chapéu, chegou a possuir população de cerca de 4000 habitantes, teatro e filarmônica próprios, configurando-se como o maior centro de produção de diamantes da região. Praticamente desabitada atualmente, restam ruínas do casario, a pequena igreja, o calçamento original em pedra e um casarão recentemente restaurado que retrata a sua importância histórica.

Na fazenda Formosa foram identificadas, no ano de 2000, figuras pré-históricas gravadas com a utilização de picoteamento e raspagem em lajedos de arenito, atribuindo-se à área a denominação de Sítio Arqueológico Lajedo Bordado. Na Cidade das Pedras, ou Lajes, às margens da BA-052, ocorrem curiosas formas de erosão e inúmeras pinturas rupestres.

A cidade de Morro do Chapéu, situada à cota de 1.012 m de altitude, possui atratividade turística em função de seu clima, estilos arquitetônicos e festas populares como a Festa de Reis, de Nossa Senhora das Graças e do Divino. Nela, situa-se a sede do Centro de Pesquisas Ufológicas Porto Cristal, onde há uma réplica de um disco voador.

Embora ainda pouco explorado, o modelado ruiforme do relevo presente nas altitudes superiores a 1200 metros existente nas proximidades da cidade, há possibilidade da realização de caminhadas em áreas de ocorrência de vegetação típica de campos rupestres e a observação de paisagens montanhosas de grande beleza cênica.

### 3.5.3. Circuito do Diamante

#### 3.5.3.1. Caracterização Geral

A região denominada Circuito do Diamante reúne as cidades de maior expressão da Chapada Diamantina nos dias atuais, tendo o ecoturismo bastante difundido. Com área superior a 600 km<sup>2</sup>, o Circuito do Diamante abrange as terras altas da Serra do Sincorá e as planícies carbonáticas da região de Iraquara e Itaetê.

Nas porções de menor altitude são diferenciados dois tipos climáticos distintos. A região de Iraquara, sob influência das serras altas do redor, apresenta clima subúmido a seco, com chuvas de outono e inverno/ primavera e verão

apresentando pouco ou nenhum excedente hídrico. Nestas áreas, ocorre a vegetação de caatinga densa, com formações arbóreas de floresta estacional decidual ao redor de Iraquara, relacionadas a zonas de ocorrência de Latossolos Vermelhos Escuros, oriundos de rochas carbonáticas do Proterozóico. Já a região de Itaetê, apresenta clima semi-árido, sem excedente hídrico, com chuvas de primavera e verão, observando-se precipitação anual superior a 1100 mm e temperatura média superior a 18°C. Nestas áreas também ocorre vegetação de caatinga densa e concentrações arbóreas de floresta estacional decidual, relacionadas a zonas de ocorrência de Latossolos Vermelhos Escuros.

Nas terras altas (altitudes entre 1000 e 1200 metros) prevalece o clima subúmido a seco, com chuvas no período da primavera e verão, sem excedente hídrico, e o clima tropical de altitude, com pequenos bolsões de maior altitude apresentando pequeno excedente hídrico e chuvas de outono e inverno. Nessas terras, predomina a vegetação de cerrado, desde o campestre, recobrando os chapadões, até os cerrados arbóreos e cerradões com árvores de portes variados. Nos grotões entalhados nas encostas íngremes, formam-se bolsões de floresta estacional, observando-se ainda matas de encosta e de neblina.

As limitações severas impostas pelas qualidades do solo litólico e pedregulhoso de muito baixa fertilidade, desenvolvido sobre os quartzitos do Grupo Chapada Diamantina (rochas sedimentares detríticas proterozóicas), bem como as zonas rochosas desprovidas de solo garantiram a preservação de expressivas áreas nas regiões de terras altas. Na região de Iraquara, em áreas de ocorrência de latossolos vermelhos escuros, decorrentes da alteração de rochas carbonáticas do Grupo Bambuí - Formação Salitre, observa-se alguma regularização fundiária (minifúndios), e facilidades para obtenção de água do lençol freático cárstico, que nesta região apresenta baixa salinização, favorecendo seu aproveitamento para o consumo humano.

#### 3.5.3.2. Uso do Solo

Dentre as culturas agrícolas do Circuito do Diamante, destacam-se o feijão, com cerca de 2.400 hectares plantados, e a mandioca e o café, com respectivamente 600 e 450 hectares plantados. Na região de Itaetê, onde não se verificam problemas entre a produção agrícola e o substrato cárstico sotoposto, a produção de mandioca é mais expressiva (750 hectares plantados), ocorrendo ainda cultura de feijão em área aproximada de 1.280 hectares. Itaetê figura entre os principais municípios produtores de lenha do Estado da Bahia, contribuindo com um volume de 239.190 m<sup>3</sup> anuais de madeira, inexistindo na região práticas de manejo sustentáveis para esta produção, o que facilita a exploração desordenada e conseqüentemente o comprometimento ambiental.

A oeste/sudoeste de Mucugê, em região comumente denominada "gerais", estão implantados diversos projetos de irrigação com o emprego de pivô central, abastecidos por água bombeada do alto rio Paraguaçu. Esta região apresenta paulatino crescimento na produção de batata, café e feijão, assim como no trato da pecuária, suscitando do governo, a construção da Barragem do Apertado no mesmo curso d'água. As áreas produtivas de Mucugê encontram-se fora do

perímetro do Parque Nacional da Chapada Diamantina, onde ocorrem latossolos amarelos de fertilidade baixa a moderada.

A pecuária nesta região é pouco expressiva, sendo Lençóis o município de maior produção, tendo seu rebanho concentrado em áreas externas ao Parque Nacional da Chapada Diamantina, nas proximidades de Tanquinho. É nesta região que se encontra um dos mais expressivos remanescentes arbóreos de floresta estacional, caracterizando-se como um dos principais conflitos ambientais da região.

### 3.5.3.3. Unidades de Conservação

As unidades de conservação existentes no Circuito do Diamante são: o Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado pelo Decreto Federal nº 91.655/85, com o objetivo de preservar o espaço da Serra do Sincorá e suas belezas naturais; a Área de Proteção Ambiental Marimbus-Iraquara, instituída através do Decreto Estadual nº 2.216 de 14 de Junho de 1993, com o propósito de assegurar a sustentabilidade ambiental em consonância com o desenvolvimento do turismo na região, e o Parque Municipal de Mucugê.

A APA Marimbus-Iraquara apresenta área de 1.254 km<sup>2</sup>, englobando porções das terras dos municípios de Iraquara, Seabra, Palmeira, Lençóis e Andaraí. Dentre os municípios da APA, somente Lençóis dispõe de rede de esgotamento sanitário e unidade de tratamento de efluentes em fase final de implantação. Nos demais municípios, são adotadas soluções individuais para o despejo dos efluentes.

A água para o consumo humano é captada nos mananciais superficiais da região, sendo tratadas as que abastecem os distritos e sedes. Utilizam-se ainda poços tubulares, principalmente na região de Iraquara, cujo manancial subterrâneo é alimentado por riachos como o Água de Rega, que apresenta elevado potencial para abastecer este município e outros vizinhos com água de excelente qualidade. Nesta região, o uso indiscriminado para irrigação de cultivos de hortaliças representa grande conflito ambiental, tendo em vista a natureza do sistema aquífero e a possibilidade de rápida infiltração de defensivos utilizados nas culturas e a conseqüente contaminação no lençol freático.

O zoneamento ecológico-econômico da APA definiu diversas zonas, agrupadas em três diferentes categorias, quais sejam: conservação, preservação e uso sustentável.

Na categoria de **Preservação** estão incluídas:

A **Zona de Preservação da Vida Silvestre** - ZPVS, cuja superfície representa 137,28 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 10,98% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito, reconstituir e manter a diversidade genética da flora e da fauna dos Marimbus, dos Campos Rupestres e dos Corredores de Biodiversidade;

A **Zona de Proteção Rigorosa** - ZPR, cuja superfície é de 64,34 km<sup>2</sup>, correspondendo a 5,15% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito preservar áreas que reúnem expressivos e contínuos ecossistemas de

floresta estacional em estágio médio e avançado de regeneração;

A **Zona de Proteção Permanente - ZPP**, cuja superfície representa 41,27 km<sup>2</sup>, sendo correspondente a 3,30% da superfície total da APA. A ZPP tem como propósito preservar áreas com ecossistemas de mata ciliar, nascentes, lagoas, cachoeiras, cascatas e áreas permanentemente inundadas; e

A **Zona de Proteção de Cavernas - ZPC**, cuja superfície é de 158,26 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 12,66% da área da APA. Seu propósito é preservar a área onde ocorre o maior o adensamento de cavernas.

Na categoria de **Conservação** estão incluídas:

A **Zona Agroflorestal - ZAF**, cuja superfície abrange 217,06 km<sup>2</sup>, ou seja, 17,36% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito conservar áreas com ecossistemas florestais de floresta a mata seca, cerrado, cerradão e caatinga, preservando a integridade destes ecossistemas onde há possibilidades para atividades de ecoturismo, cultivos típicos de sistemas agroflorestais e agrosilvicultura;

A **Zona de Controle da Paisagem - ZCP**, que possui uma superfície de 153,47 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 12,28% da área total da APA. O propósito desta zona é recompor e conservar as formações vegetais da bacia do rio Santo Antônio, localizado na região de Iraquara, e os campos rupestres próximos a Estiva; e

A **Zona de Proteção Visual - ZPV**, com uma superfície de 54,83 km<sup>2</sup>, correspondendo a 4,39% do total da APA. Esta zona visa a preservar áreas de altiplanos onde se observam solos litólicos e vegetação de campos rupestres.

Na categoria de **Uso Sustentável** estão incluídas:

A **Zona de Agricultura - ZAG**, com uma superfície de 286,22 km<sup>2</sup>, correspondente a 22,90% da superfície total da APA, e com o objetivo de atribuir parâmetros de uso sustentável para áreas de natural vocação agrícola;

A **Zona de Agricultura Restrita - ZAR**, cuja superfície representa 51,50 km<sup>2</sup> e corresponde a 4,12% da superfície total da APA, tendo como propósito preservar ecossistemas naturais em áreas frágeis atualmente submetidas ao cultivo agrícola;

A **Zona de Ocupação Controlada - ZOC**, que possui uma superfície de 29,72 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 2,38% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito orientar ocupações ao longo do vetores de crescimento de Lençóis na BA-850 e BR-242;

O **Núcleo Urbano de Apoio - NUA**, com uma superfície de 3,62 km<sup>2</sup>, ou seja, 0,29% da superfície total da APA. Esta zona tem com objetivo orientar ocupações em áreas de ampla diversidade de ecossistemas em diferentes estágios de antropização;

A **Zona de Expansão Prioritária - ZEP**, cuja superfície representa 3,74 km<sup>2</sup>, correspondente a 0,30% da superfície total da APA, tendo como propósito orientar as ocupações de áreas de elevado nível de antropização no entorno de

Lençóis, Iraquara e distrito de Iraporanga;

O **Núcleo Urbano Consolidado** – NUC, que possui uma superfície de 1,25 km<sup>2</sup>, correspondendo a 0,10% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito, orientar a revegetação de áreas livres de lotes ou glebas, privilegiando espécies nativas;

A **Zona Turística Especial** – ZTE, com uma superfície de 44,75 km<sup>2</sup>, o que representa 3,58% da superfície total da APA. Esta zona visa à preservação de ecossistemas naturais de áreas dotadas de beleza cênica e ambientes próximos ao Distrito Espeleológico de Iraquara e corredeiras do rio Mucugezinho; e

A **Zona de Vila Turística** – ZVT, cuja superfície representa 2,73 km<sup>2</sup>, uma área correspondente a 0,22% do total da APA. Esta zona tem como propósito orientar a preservação e revegetação do ambiente serrano antropizado na região do Barro Branco no município de Lençóis.

#### 3.5.3.4. Bacias Hidrográficas

Na região do Circuito do Diamante a bacia hidrográfica mais significativa é a do rio Paraguaçu, seguindo-se as sub-bacias de seus principais tributários, quais sejam: rio Santo Antônio, São José, Bonito e Utinga. Nesta região, observa-se grande quantidade de rios e riachos, cujas nascentes relacionam-se aos grotões entalhados na Serra do Sincorá.

A Bacia do rio Paraguaçu drena uma área aproximada de 55.000 km<sup>2</sup> tendo sua nascente no município de Barra da Estiva, percorrendo cerca de 380 km até desaguar nas águas da Baía de Todos os Santos. No alto curso do rio, este drena uma área de 12.860 km<sup>2</sup>, apresentando vazão de 24,11 m<sup>3</sup>/s (valor tomado no posto de medições situado no município de Andaraí). Nesta região, os principais usos da água são o de abastecimento doméstico, agricultura irrigada e mineração. Uma vez que não foram identificados estudos de enquadramento para este segmento da bacia do rio Paraguaçu, será utilizado nesta avaliação o critério estabelecido no Artigo 20 da Resolução CONAMA 20/86, o qual enquadra, as águas doces não avaliadas como de Classe 2.

As atividades agrícolas predominam na região do alto rio Paraguaçu, desenvolvidas principalmente nos municípios de Mucugê e Ibicoara, alavancadas pela implantação da Barragem do Apertado. Destaca-se a possibilidade da implantação de projetos de irrigação, sendo que 70,2% das terras são ocupadas pela agricultura, e 27,3% pela pecuária. Entre as culturas destacam-se o cultivo de alho, tomate, feijão, milho, mamona, mandioca e, mais recentemente, o café e a batata. Observa-se também a atividade de garimpagem rudimentar, principalmente após os períodos de chuva nas cavidades existentes em meio às rochas nos leitos dos riachos dos diversos municípios da região.

Garimpos mecanizados paralisados, existentes principalmente no curso do rio São José, ainda disponibilizam grande quantidade de sedimentos naturalmente fixados nos aluviões, resultando em expressivos acúmulos de areia às margens de seu curso. Próximo à ponte do rio Paraguaçu sobre a cachoeira da Donana, observa-se extensa praia formada por sedimentos trazidos com fortes enxurradas

desde os garimpos abandonados, tornando a área ponto de visitação e banho.

Na região de Iraquara, a fragilidade do substrato cárstico e o emprego demasiado de defensivos agrícolas e fertilizantes é preocupante, tendo-se em vista a rápida infiltração das águas pluviais, até o nível freático. Estes, muitas vezes são representados por rios subterrâneos, o que aumenta os riscos de contaminação. Faz-se necessária, portanto, a adoção de medidas de monitoramento do uso de defensivos e fertilizantes, bem como da qualidade do manancial subterrâneo, utilizado para o abastecimento humano em diversos locais da região.

Outro aspecto preocupante nesta região é o trânsito constante de veículos pesados, que utilizam estradas asfaltadas pouco movimentadas para o transporte de grãos, gerando vibrações e pequenos tremores capazes de desestabilizar e danificar espeleotemas do interior das grutas sotopostas.

#### 3.5.3.5. Potencialidades Turísticas

Toda o Circuito do Diamante reúne atributos naturais de grande valor para o ecoturismo. A Serra do Sincorá, com suas estruturas geológicas Proterozóicas de grande destaque topográfico e seus vales profundos entalhados no chapadão, possui cachoeiras, corredeiras e *canyons*, acessíveis por meio de trilhas, representando, portanto, um grande atrativo para ecoturistas e praticantes de esportes radicais. Assim, Palmeiras, Lençóis, Mucugê, Andaraí e Ibicoara reúnem as trilhas mais conhecidas e utilizadas atualmente.

O pantanal dos Marimbus, com área aproximada de 2.800 ha, situado a leste da cidade de Lençóis, resultante do natural represamento das águas dos rios Santo Antônio e Utinga, configura-se como excelente local para a prática da pesca esportiva e passeios em embarcações movidas a remo, uma vez que é vetado o uso de motores nesta área. Em suas águas ocorrem tucunarés, cumbás, curumatás, bagres, jacarés e sucuris, entre outros animais. Destaca-se contudo, que a prática da pesca esportiva deve ser permanentemente monitorada, obedecendo à critérios técnicos de capacidade de carga dos recursos naturais, para que não ocorra um sobre uso de tais recursos, o que certamente acarretaria impactos naturais negativos à região e à atividade turística de forma geral.

Na região de Iraquara, o turista se depara com o provável maior complexo cárstico do país, reunindo número superior a 150 grutas, algumas delas devidamente mapeadas por espeleólogos experimentados da região e de Minas Gerais. Há também ingrunamentos de rios e surgências de rara beleza, muitas delas de fácil acesso.

O município de Ibicoara oferece como atrativos, caminhadas através de trilhas que conduzem ao Campo Redondo e ao Espalhado, locais muito propícios para o banho nas cachoeiras do Buracão e do Ouricuri.

Desta forma, verifica-se a notória vocação turística deste circuito, que possui inúmeros atrativos naturais de grande valor. Entre estes, merecem destaque a Cachoeira da Fumaça, com aproximadamente 400 metros de queda livre, de onde

se tem ampla visão do Vale do Rio Capivara; a Gruta da Pratinha, onde ocorre volumosa surgência de curso d'água subterrâneo; o Salão das Areias Coloridas, produto da alteração de conglomerados constituídos de seixos de composição e cores variadas; os Morros do Pai Inácio, Morrão e do Camelo, verdadeiros cartões postais da região; e o Poço Encantado, com seus 60 metros de profundidade e vários tons de azul provocados pela luz que penetra a gruta por estreita fenda durante alguns meses do ano. Soma-se aos atrativos naturais supracitados, todo o conjunto arquitetônico histórico da região, sobretudo àquele presente nos municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras, o que corrobora a vocação turística do Circuito do Diamante.

### 3.5.4. Circuito do Ouro

#### 3.5.4.1. Caracterização Geral

Na região do Circuito do Ouro está inserida a cidade de Rio de Contas, município de grande valor histórico e cultural. Os primeiros habitantes da região de Rio de Contas foram escravos alforriados que se reuniram no Arraial dos Crioulos. No início do século XVIII, com a chegada de bandeirantes interessados em novas regiões de exploração do ouro, um novo arraial (hoje chamado de Mato Grosso) foi fundado, atraindo os padres jesuítas, colonos e garimpeiros para a região. Em 1746, o arraial dos Crioulos passou a chamar-se Vila Nova de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio de Contas e finalmente Rio de Contas.

Rio de Contas reúne expressivo conjunto arquitetônico tombado pelo patrimônio histórico, o qual inclui edifícios da segunda metade do século XVIII, destacando-se a Igreja do Santíssimo Sacramento, a Igreja Nossa Senhora de Santana (a igreja de pedras) e a Casa de Câmara e Cadeia, temida prisão baiana à época da escravidão, também utilizada pelos senhores da época como posto de coleta do Quinto (imposto cobrado dos mineradores do ouro). O teatro, museus, a casa da cultura, o casario com detalhes em alto relevo e o calçamento original das largas ruas e avenidas confirmam ser esta uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, em 1745, durante o ciclo extrativista do ouro.

O Circuito do Ouro engloba uma área de cerca de 5.000 km<sup>2</sup>, na qual estão localizados os pontos de maior elevação do Estado da Bahia, inseridos nas serras da Tromba, do Barbado, da Mesa, da Itubira, de Rio de Contas, das Crioulas e da Curiroba.

Este contexto serrano, semelhante, em origem e composição, àquele da região do Circuito do Diamante, apresenta grande movimentação tectônica, desenvolvendo cristas pontiagudas como as dos picos das Almas, da Itubira e do Barbado, observando-se fendas profundas, donde brotam águas cristalinas que vão formar os riachos e rios de altiplanos preservados da região. Contrariando esta paisagem, registra-se a janela estrutural e erosiva da região de Abaíra e Jussiape, onde ocorrem rochas da base de toda esta espessa coluna sedimentar/vulcânica

que constituem o embasamento cristalino. Estas regiões deprimidas de Abaíra e Jussiape apresentam clima semi-árido de caatinga, com chuvas de verão, sem excedente hídrico, com taxas pluviométricas anuais de cerca de 1100 mm e temperaturas médias superiores a 18°C. Nestas terras registra-se a ocorrência de Latossolos Vermelhos resultantes da decomposição de rochas granitóide.

Nas regiões de maior expressão topográfica (região de encostas e altiplanos) ocorre o clima tropical de altitude, com chuvas no verão e seca no inverno, com pouco ou nenhum excedente hídrico e temperaturas inferiores a 18°C nos meses mais frios. Nestas áreas, as rochas sedimentares detríticas e vulcânicas do Proterozóico Médio deram origem a solos álicos e pedregosos de baixíssima fertilidade, portanto rapidamente exauridos e abandonados nas áreas agricultadas. Ocorrem localizados maciços de floresta estacional em estágio médio e avançado de regeneração, grotões rochosos com mata de galeria e vegetação de campos rupestres bem preservados, observando-se aí, uma flora com elevada diversidade segundo o Royal Botanic Garden de Kew - Inglaterra, tendo sido identificadas mais de 1100 espécies, das quais cerca de 100 antes desconhecidas.

#### 3.5.4.2. Uso do Solo

Na região do Circuito do Ouro registra-se o maior número de ocorrências, garimpos e minas de ouro de pequeno porte do Estado da Bahia, com destaque para as minas de Lavra Branca, Morro do Fogo (município de Rio de Contas), Valoa (município de Érico Cardoso) e Anaguinha (em Catolés, município de Abaíra).

A pecuária extensiva é pouco expressiva neste circuito e está relacionada a pastagens nativas de fazendas situadas nas extensas pradarias de relevo plano do Vale do Rio Brumado, assim como no interior da sinclinal da Serra da Tromba.

Observa-se denso cultivo de cana-de-açúcar na forma de minifúndios e a farta produção da cachaça, tornando a região tradicional pólo produtor deste produto. Há também produção de mandioca e feijão, este último somente em Jussiape.

No distrito de Mato Grosso, povoado constituído por descendentes de portugueses, situado cerca de 1500 m acima do nível do mar ao norte de Rio de Contas, ocorrem manchas de solos oriundos de rochas ígneas da mesma filiação dos basaltos, o que possibilita o cultivo de café e hortaliças que abastecem parcialmente a região. O plantio se estende ao longo da encosta dos morros, em patamares trabalhados pelo homem, lembrando a agricultura de povos europeus.

#### 3.5.4.3. Unidades de Conservação

A unidade de conservação existente no Circuito do Ouro é a APA da Serra do Barbado, instituída através do Decreto Estadual nº 2.183 de 7 de Junho de 1993. Esta UC tem o propósito de assegurar a preservação dos maciços de maior elevação do Estado da Bahia e a sustentabilidade ambiental em consonância com o desenvolvimento do turismo na região. A APA apresenta uma área de 636 km<sup>2</sup> e um perímetro de 123 km,

englobando toda terra situada acima da cota 1400 m e abrange área dos municípios de Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Piatã, Rio de Contas e Rio do Pires.

Os diversos distritos rurais e distritos sede dos municípios da APA são desprovidos de esgotamento sanitário. A água para o consumo humano é captada nos mananciais superficiais da região, sendo tratadas aquelas que abastecem os distritos sede. O manancial subterrâneo é do tipo fissural, pouco conhecido pelos órgãos de fiscalização, devido ao seu pequeno aproveitamento. Todavia, supõe-se que contenha água de excelente qualidade devido ao elevado grau de conservação dos ecossistemas da APA e a natureza predominantemente arenosa das rochas da região.

O plano de manejo da APA Serra do Barbado aponta os principais conflitos ambientais identificados em seu perímetro, a saber:

- Contaminação de rios com o mercúrio utilizado por garimpeiros e empresas de mineração (Catolés de Cima - município de Abaíra);
- Erosão e degradação de solos devido a atividades agrícolas em zonas de topografia muito íngreme;
- O desmatamento para produção de lenha/carvão que somando os volumes dos diversos municípios integrantes da APA totaliza cerca de 90.000 m<sup>3</sup>/ano;
- O fogo decorrente de queimadas praticadas com o intuito de renovar brotos de capim nativo, ou mesmo para abrir acesso a locais de coleta de flores, e a inexistência de estrutura capaz de combatê-lo; e
- A coleta comercial de mudas de orquídeas (na região ocorrem espécies ainda não catalogadas) e cristais transformados em peças de artesanato em outras regiões do país.

O zoneamento ecológico-econômico da APA criou diversas zonas distribuídas em três diferentes categorias denominadas Conservação, Preservação e Uso Sustentável.

Na categoria de Preservação estão incluídas:

A **Zona de Preservação da Vida Silvestre** - ZPVS, tem como propósito a proteção de ambientes essenciais para a manutenção do equilíbrio ecológico de diversas espécies da fauna e flora; e

A **Zona de Proteção Rigorosa** - ZPR, criada em decorrência da necessidade de preservar áreas de cotas mais altas que reúnem expressivos ecossistemas de campos rupestres.

Na categoria de Conservação está incluída:

A **Zona de Controle da Paisagem** - ZCP, tendo como propósito, conservar áreas com ecossistemas de pastagens nativas entrecortadas por inúmeros riachos,

orientando o aproveitamento agrícola com cultivos de subsistência e minerações de ouro e blocos de rochas ornamentais e quanto ao emprego de mercúrio e desmatamentos.

Na categoria de Uso Sustentável estão incluídas:

A **Zona de Agricultura** - ZAG, com o propósito de orientar os proprietários de fazendas da região com matas de galerias e ciliares, evitando a realização de queimadas e ocupação de áreas de encostas íngremes;

A **Zona de Agricultura Restrita** - ZAR, tendo como propósito preservar ecossistemas naturais em áreas frágeis atualmente submetidas ao cultivo agrícola convencional onde ocorrem solos de baixa a baixíssima fertilidade e também o emprego de fertilizantes químicos e pesticidas nas lavouras;

O **Núcleo Urbano Consolidado** - NUC, criado com o propósito de definir parâmetros de parcelamento e ocupação do solo urbano, de forma integrada com a tradição urbanística do núcleo e da paisagem natural;

A **Zona de Vila Turística** - ZVT, criada com o propósito de orientar o planejamento de projetos de uma Vila Turística de Montanha, dirigida para a região de Catolés (Abaíra) e Mato Grosso (Rio de Contas); e

A **Zona de Expansão Prioritária** - ZEP, criada com o propósito de definir parâmetros de parcelamento e ocupação integrados com a tradição urbanística do núcleo e da paisagem natural.

#### 3.5.4.4. Bacias Hidrográficas

Na região do Circuito do Ouro a bacia hidrográfica mais significativa é a do Rio de Contas, que drena cerca de 55.334 km<sup>2</sup>. O rio de Contas tem sua nascente no município de Piatã, no interior da sinclinal da Serra da Tromba, prolongando-se até o Oceano Atlântico, com sua foz na cidade de Itacaré (Pólo Turístico Costa do Cacau), percorrendo aproximadamente 450 km. Ainda no município homônimo, apresenta vazão de cerca de 1,76 m<sup>3</sup>/s, chegando a cerca de 100 m<sup>3</sup>/s próximo à sua foz.

No alto curso do rio de Contas, seus principais afluentes são os rios Brumado, das Furnas e o Água Suja. Destes, somente o rio Brumado tem suas nascentes no interior da APA da Serra do Barbado, nas proximidades do Pico das Almas. Uma vez que não foram identificados estudos de enquadramento para este segmento da bacia do rio de Contas, será utilizado nesta avaliação o critério estabelecido no Artigo 20 da Resolução CONAMA 20/86, o qual enquadra, as águas doces não avaliadas como de Classe 2.

Neste compartimento da bacia hidrográfica do Rio de Contas, já se verificam conflitos de uso da água para projetos públicos de irrigação, desenvolvidos pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, no rio Brumado e projetos privados em Dom Basílio.

#### 3.5.4.5. Potencialidades Turísticas

Assim como os outros dois circuitos do Pólo Turístico Chapada Diamantina, o Circuito do Ouro reúne atributos naturais de grande valor para o ecoturismo. Há no circuito a possibilidade de realização de diversas trilhas com características diferenciadas, sendo as mais significativas descritas a seguir:

A **Estrada Real**, no trecho em que liga Livramento de Nossa Senhora a Rio de Contas, com seu calçamento original em blocos de quartzitos, possibilita reviver o passado histórico da ocupação da região e a proximidade com a cachoeira do rio Brumado.

A caminhada para o **Pico das Almas**, que possibilita ao turista um contato direto com a vegetação mundialmente conhecida do local, e a visualização de todo o amplo vale aonde se insere o distrito sede de Rio de Contas. Esta trilha inicia-se na Fazenda Brumadinho, estendendo-se até o ponto culminante do pico das Almas, com trechos de dificuldade média a alta.

A visita ao **Poço das Andorinhas** permite ao visitante um contato direto com a mata de galeria, comum nos grotões, e diversos poços naturais para banho. Caminhada de difícil acesso, devendo ser realizada com o monitoramento de guia experiente. Partindo-se do distrito de Arapiranga, segue-se na direção norte através do caminho que leva a Catolés, perfazendo um total de 6 km de extensão.

A **Trilha da Serra do Barbado** leva o visitante ao ponto culminante do nordeste do Brasil. Partindo-se de Piatã, segue-se de carro até o distrito de Catolés. A partir deste ponto, em veículos de campo, chega-se a Catolés de Cima, de onde se observa o Pico do Barbado. Segue-se, então a pé ou em montaria, por uma pequena trilha que leva ao povoado de Contagem, distante cerca de 12 km, passando-se também pelo riacho da Forquilha.

Partindo-se do povoado de Mato Grosso no sentido norte, chega-se à região de Lavra Velha, onde se instalou o bandeirante Raposo Tavares, numa das principais ocorrências de ouro da região. No acervo da Casa da Cultura tem-se registros de recolhimento do "quinto", imposto cobrado dos mineradores àquela época, de cerca de 15 arrobas. O ponto de contemplação situado a nordeste do povoado de Mato Grosso, possibilita de uma só vez a visualização da seqüência de serras alinhadas até a Serra do Sincorá no Circuito do Diamante. A cachoeira da Michilana, o Poço das Andorinhas e a famosa cachoeira do Fraga completam este ambiente de singular beleza cênica.

Visitas a antigas catas de ouro, como eram chamadas as galerias abertas nas rochas por escravos trazidos pelos bandeirantes portugueses e paulistas, remetem o observador ao passado do Brasil Império. Dentre elas pode-se destacar a Mina da Beta (coord. UTM 822426/8510735) e o Garimpo da Lavra Branca (coord. UTM 815837/8519473) no município de Érico Cardoso, Garimpo da Silvina (coord. UTM 94973/8497641) e Lavra Velha (coord. UTM 194268/8498066) no município de Rio de Contas, acessíveis através de veículos

de campo e curtas caminhadas.

Dotada de rodovias de acesso asfaltadas, resort, diversas pousadas e hospital, Rio de Contas, e conseqüentemente o Circuito do Ouro, vem experimentando nos últimos anos um crescimento paulatino como um destino ecoturístico em âmbito nacional. Assim, observa-se que gradativamente os atrativos e serviços turísticos do Circuito do Ouro vem sendo melhor estruturados, de modo a compor efetivamente um produto turístico e ganhar maior notoriedade no mercado de destinos ecoturísticos do Brasil.

### 3.5.5. Conclusão

A Chapada Diamantina, pelos diversos atributos naturais e culturais apresentados, reveste-se de grande potencial para o ecoturismo, bastante difundido na região de Lençóis, Andaraí, Mucugê e Rio de Contas.

As recomendações abaixo propostas visam, sobretudo, ao desenvolvimento sustentável da região, gerando benefícios para os visitantes e para as comunidades diretamente relacionadas à atividade turística. São as seguintes:

- ✓ Devido à limitação da capacidade de carga de muitos dos atrativos naturais da região, característica intrínseca deste tipo de atrativo, há necessidade premente que sejam elaborados estudos mais aprofundados acerca dos impactos negativos que a visitação pública vem acarretando a estes ambientes, com vistas à manutenção da qualidade ambiental e paisagística destes sítios. Um exemplo bem sucedido de ordenamento da visitação aos atrativos naturais ocorreu no Morro do Pai Inácio no município de Palmeiras, transformado recentemente em Parque Municipal pelo poder público municipal. Há cerca de dois anos a área vem sendo monitorada pelo Grupo Ambientalista da Bahia - GAMBÁ, em convênio com o Centro de Recursos Ambientais do Estado da Bahia. Em decorrência da atuação do grupo, limitou-se em trinta o número máximo de visitantes no topo do morro, demonstrando-se efetivamente, portanto, a possibilidade de regulamentação do uso dos atrativos naturais de forma racional, o que pode reduzir os impactos negativos do turismo nestes ambientes, contribuindo para que o turismo se desenvolva sobre alicerces ambientalmente sustentáveis.
- ✓ Neste mesmo sentido, é necessário empreender um amplo programa de educação ambiental para capacitação de recursos humanos, para que estes possam inserir-se na atividade turística de forma ativa e com foco na preservação dos atributos naturais e culturais do Pólo Turístico Chapada Diamantina.
- ✓ Por parte do poder público, faz-se necessária a manutenção e limpeza das trilhas, no sentido de viabilizar e facilitar o acesso dos visitantes, sinalizando, obviamente os trechos de maior perigo. Assim, considera-se de suma importância, a implantação de um programa de interpretação ambiental, com

sinalização indicativa e interpretativa informando ao turista os diversos aspectos singulares da área visitada.

- ✓ A implementação do Plano de Desenvolvimento Participativo e Sustentável para o entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina, o qual abrange uma faixa de 10 km no seu entorno deverá nortear a ocupação e uso do solo, consolidando a preservação do patrimônio natural.
- ✓ A região de Iraquara deverá ser objeto de planejamento para a criação e implantação de programa de monitoramento dos impactos nos recursos naturais. Nesta região, o aquífero freático detectado em cavernas e dolinas é constantemente ameaçado pelo uso demasiado de defensivos agrícolas nas culturas da região. Desta forma, faz-se necessária a realização de ampla campanha de divulgação e orientação dos proprietários rurais da região, no sentido de redirecionar a produção para culturas menos exigentes, adequar a quantidade de insumos utilizada e preservar o manancial subterrâneo qual se servem.
- ✓ A implantação da Barragem do Apertado eliminou os conflitos de uso da água na região do Alto Paraguaçu. Entretanto, o crescimento experimentado pela agricultura naquela região implica em aumento da demanda por água, merecendo por parte das instituições governamentais um criterioso gerenciamento dos recursos hídricos superficiais e monitoramento do uso de defensivos e fertilizantes que de algum modo retornaram aos mananciais superficiais e subterrâneos.
- ✓ Deverá ser estimulada a criação de convênios e parcerias entre universidades, prefeituras municipais da região, instituições governamentais e organismos financeiros, no sentido de realizar estudos científicos voltados ao incremento do turismo na Chapada Diamantina, privilegiando áreas pouco visitadas atualmente como Morro do Chapéu, Ibicoara, Piatã, bem como aquelas já conhecidas nos diversos roteiros da região. Assim espacializa-se a pressão exercida pela visitação aos atrativos turísticos, que tende, frequentemente, a concentrar-se em torno dos sítios mais expressivos do ponto de vista paisagístico e mais conhecidos pelos turistas.